



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO AMAZONAS – IFAM
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS MANAUS ZONA LESTE (CMZL)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, ETNICIDADE E
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA – DEPPA**

**CULTURA E IDENTIDADE: RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE A
CERÂMICA E OS BANIWA DO ALTO RIO NEGRO - AM**

**MANAUS
2018**



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS – IFAM
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS MANAUS ZONA LESTE (CMZL)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, ETNICIDADE E
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA – DEPPA**



PAULO CÉSAR MARQUES HOLANDA

**CULTURA E IDENTIDADE: RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE A
CERÂMICA E OS BANIWA DO ALTO RIO NEGRO - AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Ensino Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia.

Orientador: Prof. Msc. Marcio Roberto Lima Fernandes

**MANAUS
2018**



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
AMAZONAS – IFAM
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
CAMPUS MANAUS ZONA LESTE (CMZL)
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, ETNICIDADE E
POLÍTICAS PÚBLICAS NA AMAZÔNIA – DEPPA**

PAULO CÉSAR MARQUES HOLANDA

**CULTURA E IDENTIDADE: RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE A
CERÂMICA E OS BANIWA DO ALTO RIO NEGRO – AM**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Ensino Superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento, Etnicidade e Políticas Públicas na Amazônia.

Aprovado por:

Orientador:

Prof. Msc. Marcio Roberto Lima Fernandes

Examinadora:

Prof. Msc. Priscila de Oliveira Pinto Maisel

Examinador:

Prof. Msc. Alvatir Carolino da Silva

Manaus, 30 de julho de 2018

DEDICATÓRIA

Ao Professor Mestre Marcio Fernandes, meu orientador, pela paciência e destreza em todo o andamento desta pesquisa.

À minha mãe, Raimunda Holanda, por sempre me apoiar em todas as empreitadas da vida e servir de porto seguro quando necessário. Ao meu irmãozinho, André Holanda, por entender a necessidade de minha ausência em muitos momentos devido à vida acadêmica. À minha gata e cachorro, Cher e Lucke, por me ofertarem amor e carinho nos dias mais nebulosos.

Aos meus amigxs da Especialização, em especial à minha amiga, Priscila da Costa Oliveira (*in memoriam*), que foram parceirxs nessa trajetória.

E a todos os outros presentes em minha vida que sempre apoiaram e ainda acreditam em minha construção acadêmica.

(...)

*“Trabajo bruto, pero con orgullo
Aquí se comparte, lo mío es tuyo
Este pueblo no se ahoga con marullo
Y si se derrumba, yo lo reconstruyo*

*Tampouco pestañeo cuando te miro
Para que te recuerde de mi apellido
La operación Condor invadiendo mi
nido
Perdono pero nunca olvido
Oye!*

*Vamos caminando!
Aquí se respira lucha
Vamos caminando!
Yo canto porque se escucha
Vamos dibujando el camino
Voces de un sólo corazón
Aquí estamos de pie
Que viva la América!”*

[Música “Latinoamérica”, do Calle 13]

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. O FAZER CERÂMICO E A ANTROPOLOGIA	10
3. <i>WADZEEKA</i> : NOSSA ARTE	12
3.1. Cerâmica e Identidade Baniwa	14
4. TECENDO CONSIDERAÇÕES	17
5. REFERÊNCIAS	19

CULTURA E IDENTIDADE: RELAÇÕES EXISTENTES ENTRE A CERÂMICA E OS BANIWA DO ALTO RIO NEGRO – AM

HOLANDA, Paulo César Marques

RESUMO

O povo Baniwa vive na fronteira do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, em aldeias localizadas às margens do Rio Içana e seus afluentes Cuiari, Aiari e Cubate, além de comunidades no Alto Rio Negro/Guainía e nos centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel e Barcelos (AM). Este trabalho buscou percorrer os escritos etnográficos, a fim de encontrar relatos acerca do ofício cerâmico entre estes indivíduos. Conseguindo adentrar no universo cultural Baniwa, pelo viés da antropologia da arte e permitindo-se discutir conceitos de cultura e identidade. Partindo destas questões procuramos confluir a pluralidade de escritos acadêmicos, possibilitando uma abordagem artístico-cultural deste ofício em comunidade como marcador de identidade para este povo.

PALAVRAS-CHAVE: Cerâmica Baniwa, Cultura, Identidade.

ABSTRACT

El pueblo Baniwa vive en la frontera de Brasil con Colombia y Venezuela, en aldeas ubicadas a orillas del Río Içana y sus afluentes Cuiari, Aiari y Cubate, además de comunidades en el Alto Río Negro/Guainía y en los centros urbanos de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel y Barcelos (AM). Este trabajo se desdobló en recorrer los escritos etnográficos, buscando relatos acerca del oficio cerâmico entre estos individuos. Adentró en el universo cultural Baniwa, por el sesgo de la antropología del arte y se permitió discutir conceptos de cultura y identidad. A partir de estas cuestiones tratamos de confluir la pluralidad de escritos académicos, possibilitando un enfoque artístico-cultural de este ofício en comunidad como marcador de identidad para este pueblo.

KEYWORDS: Cerámica Baniwa, Cultura, Identidad.

1. INTRODUÇÃO

A cerâmica apresenta formas estilísticas e funcionais variadas dentre os povos indígenas brasileiros, e representa um universo de produção que inclui diferentes períodos históricos, sendo a primeira referência documental sobre os Baniwa datada do início do século XVIII, em um acordo para obtenção de escravos aos espanhóis. Este objeto está alinhado ao sentimento de pertencimento identitário entre os povos habitantes do complexo do Alto Rio Negro no Amazonas - Brasil.

A tradição oral Baniwa situa os igarapés *Uarana*, afluente do Rio Aiari e *Paamali*, afluente do trecho médio Içana, como locais de assentamento ancestral das fratrias *Hohodene* e *Walipere*, respectivamente. Estes são, falantes da língua Aruaque e detentores de uma linguagem plástica com destaque na cerâmica e em suas cestarias repletas de grafismos.

Esta produção cerâmica é desenvolvida com técnicas diferenciadas de produção e complexidade, desde a coleta de matéria-prima até os polidores feitos de sementes. Um ofício totalmente manual e realizado apenas por mulheres, transmitido de forma oral e ligada a valores tradicionais, de geração em geração. Sendo esta pesquisa, uma forma de sensibilizar para o potencial estético, civilizatório e descolonizador das formas artísticas e das epistemologias próprias dos povos originários das Américas.

Compreendemos que arte torna-se plataforma para expressões complexas e profundas do pensar, essa necessidade segundo Geertz (1997), surge em vários outros segmentos da cultura deste povo: na religião, na moralidade, na ciência, no comércio, na tecnologia, na política, nas formas de lazer, no direito e até na forma em que organizam sua vida prática e cotidiana. Constituindo-se como fonte valiosa de evidências para levantamentos etnográficos de povos e sua relação intrínseca para com seus materiais. Lagrou (2007) cita que em vez de localizar o 'objeto' é preciso examinar as relações, as qualidades diferenciadas das relações e as maneiras através das quais estas são significativas. Este problema, que é relevante para a antropologia de todo o continente americano, tornou-se questão básica da arqueologia amazônica.

Para Willey (apud. Bertha Ribeiro Org. 1987), a maior parte da cerâmica sul-americana tinha função de recipiente utilitário empregado na preparação, consumo e armazenagem de comidas e bebidas. Outra grande categoria funcional dos recipientes seria considerada cerimonial. Há uma segunda proposta funcional da cerâmica baniwa, conforme Oliveira (2015), dividida em três conjuntos de artefatos: potes para serviço; potes para transformação no cotidiano e no cerimonial e; potes para armazenamento.

Este é um tema importante entre os índios do Brasil de forma geral, que assume contornos especialmente complexos dentre os baniwa, decorrentes das particularidades de sua história e desenvolvimento peculiar para com a cerâmica. Enriquecendo uma antropologia que não vira as costas para os modos de se discutir a cultura a partir dos artefatos. Segundo Oliveira (2015),

A cerâmica e os trançados se relacionam de múltiplos pontos de vista para os Baniwa. Ambos tem a mesma origem mitológica (no ciclo de narrativas relativo a Kowai), são ofertados nos Dabucuris, estão presentes entre a parafernália mobilizada no ritual de Kowai e sua confecção é aprendida justamente durante a reclusão dos jovens de ambos os sexos. (OLIVEIRA, 2015, p. 292).

Tais fragmentos reforçam a necessidade permanente de construir esta interconexão entre o material e o humano. Originando concepções da relação entre pessoas e coisas, e da produção de artefatos a partir de uma etnografia. Procuramos assim, na literatura identificar o atual papel da cerâmica para este povo e analisar as práticas e representações em torno deste ofício, buscando entender o mundo das artes e o mundo social, utilizando a cerâmica como eixo central de dinamização nestas relações. O levantamento desta bibliografia se mostrou desafiante e gerou maior familiaridade com a problemática, em áreas como antropologia da arte, cerâmica, cultura e identidade. Tendo esta pesquisa relevância para melhor entendimento dos acervos de etnologia indígena e como afirmação da importância desta arte no cotidiano sociocultural Baniwa.

2. O FAZER CERÂMICO E A ANTROPOLOGIA

Este fazer é compreendido pelos registros orais e não é tarefa comum a todas as etnias indígenas, possuindo diferentes formas para cada local, explicitando a riqueza e diversidade cultural presente dentre estes povos. Ribeiro (1987) afirma que só na arte cerâmica a criatividade indígena encontra materiais capazes de conservar-se sob quaisquer condições. Perpetuando este ofício como campo específico da cultura material, onde constatamos uma produção rica em detalhes, exuberante em cores e nas mais diversas formas.



Figura 01: Modelagem da argila feita por mulheres

Fonte: Os Baniwa, os artefatos e a cultura material no Alto Rio Negro. Tese de doutorado, OLIVEIRA (2015).

Entre os Baniwa as mulheres são responsáveis pela prática e pela manutenção deste fazer que abarca conhecimentos estruturantes para a comunidade. Uma tecnologia caracterizada pela simultaneidade e que destaca outro importante aspecto associado a argila, agora devido às suas conexões a uma outra categoria de seres, que são os sobrenaturais. Estes objetos são dotados de simbologias podendo ser sociais ou ritualísticos, de caráter espiritual e sagrado. Lima (1987) registra que

Os Baniwa produzem uma cerâmica fina, de boa qualidade e bem decorada; os vasilhames recebem normalmente um engobe branco/amarelado, ao qual são aplicados motivos geométricos (meandros, espirais, padrões de trançados, etc.), zoomorfos e antropomorfos, em vermelho e/ou preto. (LIMA, 1987)

Os objetos deste modo são mediadores entre domínios distintos, aproximando o mundo animado do inanimado, e fortalecendo sua importância como representação artística deste povo. Todo processo serve como importante instrumento de socialização dentre as mulheres, sendo momento para diversão e aprendizagem (ver figura 01). Van Velthem (2003), ao pesquisar os Wayana, observa que a ordem cósmica é considerada como parte da ordem social, onde a estética está ligada ao universo cosmológico, cuja lógica é partilhada pela produtora e pelo grupo receptor.

A etnografia de Barcelos Neto (2004) enfatiza as relações sociais que os índios Wauja, do Alto Xingu, estabelecem com os “seres da alteridade” e a produção material. O autor explora essas relações entre humanos e não-humanos (os apapaatai), refletindo sobre a posição que a arte ocupa nesse panorama. Entendendo que os objetos e tecnologias adquiriram a capacidade de se transmutarem em elementos variados, adequando-se ao cotidiano e ao ritual. Em outras palavras, a cerâmica constitui uma relação entre lugar e espaço, o espaço é o movimento, e espaços possuem suas próprias memórias.

A análise da cosmologia, dos mitos destas sociedades, propõe que ideias já consolidadas na nossa cultura sejam submetidas a análises e a rigorosas críticas. O relativismo cultural ainda possui influência dentre os pesquisadores de arte e cultura, onde se supõe culturas separadas e incomensuráveis que nenhuma hierarquia seria capaz de ordenar. Os estudos sobre sociedades indígenas têm demonstrado a ineficácia da aplicação de conceitos ou de categorias exteriores a elas. Assumindo esta postura, abrimos as portas para o diálogo entre nossa cultura (do investigador) e a cultura que pretendemos compreender.

3. WADZEEKA: NOSSA ARTE

As grandes questões humanas sobrevivem nas obras artísticas e literárias, sendo por meio delas que se conhecem os valores e saberes de outros povos, e é na obra que aparecem as sobrevivências, atemporais e que ressurgem. Sendo simbólicas e alegóricas remetendo-nos à vivência de um povo, e encorajando os homens a tomar posse do seu papel nessa história. É necessário explicitar que esta pesquisa não se delimitou ao fazer artístico dentro dos domínios hegemônicos existentes em nossa história de construção do conhecimento, e sim no olhar poético destas práticas dentro das tradições indígenas.

A decisão em utilizar antropólogos referenciais tão distintos em seus estudos como Velthem dentre os Wayana (Caribe) e Barcelos Neto com os Wauja (Aruaque), explica-se pela insuficiência de dados abordando especificamente a produção cerâmica dentre os Baniwa e por serem povos de contextos aproximados geograficamente na América do Sul. Em vários momentos de seus trabalhos, estes autores citam aspectos relativos às técnicas, e ao mesmo tempo, evidenciam a relação desta produção com os aspectos da vida econômica, social e ritual.

No decorrer histórico, encontramos registro de artistas e intelectuais brasileiros ligados a personagens importantes da cultura tradicional indígena. Porém, é ciente que a exclusão social destes agentes muitas das vezes levou comunidades indígenas a sofrerem ameaças de vida e viver processos que colocaram em fragilidade suas referências culturais e o uso de seus recursos vitais. Por isso, o antropólogo em campo deve ter preocupação com o detalhamento das cadeias operatórias de produção, descrever sucintamente todas as fases do processo, coleta da argila até sua confecção final, uso e descarte. Evidenciando, a argila como matéria-prima marcante por sua utilidade e potencialidade expressiva, possuindo a dualidade de servir as necessidades materiais assim como as espirituais de muitos povos.

A sociedade ocidental separou as artes de outras esferas sociais, Vidal (2000, p. 281) afirma que em sociedades indígenas as artes são uma

ornamentação para as manifestações públicas e os talentos manuais, mesmo que individualizados, comunicando sempre com sua comunidade que entende o que está sendo expresso. É comum principalmente ao ocidental lograr comunicar-se, Geertz (1997) esclarece que estamos habituados,

descrevemos, analisamos, comparamos, julgamos, classificamos; elaboramos teorias sobre criatividade, forma, percepção, função social; caracterizamos a arte como uma linguagem, uma estrutura, um sistema, um ato, um símbolo, um padrão de sentimento; buscamos metáforas científicas, espirituais, tecnológicas, políticas; e se nada disso dá certo, juntamos várias frases incompreensíveis na expectativa de que alguém nos ajudará, tornando-as mais inteligíveis. (GEERTZ, 1997, p. 143).

Compreender a arte como atividade que interage com o conhecimento tradicional de cada povo, possibilitando a existência de trabalhos pensados e construídos pelo homem, é estar sensível à presença desta na constituição de saberes da sociedade Baniwa. Silva (2000) em sua pesquisa dentre os Asuriní registra que em sua permanência de campo (setembro, outubro e novembro de 1997) contou 223 vasilhas em toda a aldeia. Fazendo a média de distribuição, seria obtido um total de 14 vasilhames por unidade doméstica. Dado que nos revela a ampla conexão deste material dentre os indivíduos de povos tradicionais, seja por razões de ordem estética, simbólica ou identitária.

Para grande parte das sociedades indígenas da América a cerâmica surge do combate entre as forças do céu e da terra, com que o homem, acaba sendo beneficiado. No processo do fazer com a argila, o corpo precisa estar em ação. Soares (2011) entende que o corpo é inegavelmente o *locus* em torno do qual gira a vida das sociedades indígenas brasileiras. A literatura antropológica narra algumas semelhanças entre estas etnias e regras comuns para a prática cerâmica, como por exemplo, o estado menstrual, período no qual a indígena não pode tocar ou manusear a argila. Para Lévi-Strauss (1986),

A ideia de que o oleiro ou a oleira, e os produtos da sua indústria, têm um papel de mediadores entre as forças celestes de um lado e as terrestres, aquáticas ou octonianas, por outro, faz parte de uma cosmografia que não é exclusiva da América. (LÉVI-STRAUSS, 1986)

Observa-se que em praticamente todas as culturas, o ser humano, propiciou em suas relações com a terra diversas formas de trabalhar a argila, seja na construção ou na técnica da modelagem. Oliveira (2015) enfatiza que a variedade de formas e usos coloca a cerâmica como campo tecnológico que foi fundamental para os Baniwa. O corpo e a vida corporal adquirem característica universal, não sendo separados do resto do mundo, onde as pessoas também são coisas. Um mundo com culturas tão diferentes, mas que possuem semelhança em dar forma à argila, seja com uso ou funções cerâmicas. A ceramista munida da matéria-prima se vê facilitada no trajeto de exploração do seu imaginário consciente ou inconsciente. Sendo a cerâmica, fruto de uma sincronia harmoniosa entre dois corpos distintos e ao mesmo tempo complementares.

3.1. Cerâmica e Identidade Baniwa

Os Baniwa e Koripako, em meados do século XX, assistiram a uma segunda entrada de missionários, desta vez evangélicos, que lograram converter cerca de 80% da população ao pentecostalismo – o que complexificou ainda mais o contexto regional gerando novas disputas políticas (ver Wright 2000: 436, 440; Xavier 2013).

Há registros de uma massificação de movimentos messiânicos entre os Baniwa, Tukano e Warekena, a partir de 1857, liderado por Venancio Anizetto Kamiko, um Baniwa da fratria Dzauinai, do alto Guainía. Tais desdobramentos resultaram na condenação e no progressivo abandono de inúmeros costumes tradicionais. Oliveira (2015) acentua que

os Hohodeni de Ucuqui fazem parte da minoria católica que vive no Rio Aiari. São os únicos Baniwa que afirmam claramente ainda fazer os rituais Kowaipani, as festas de iniciação com os chamados instrumentos-Kowai (Jurupari), e por estes e outros motivos ligados de diferentes maneiras a contextos rituais, se autodenominam “tradicionais”. (OLIVEIRA, 2015, p. 34)

É nessas ocasiões, através de uma atitude pedagógica, que esta sociedade transmite seus conhecimentos, mantendo e reatualizando a tradição.

Além de utilizar estes dispositivos como meios de afirmação de suas identidades, frente aos demais povos habitantes do complexo do Alto Rio Negro. Para Ribeiro (1995)

à semelhança da do alto Xingu e da região das Guianas, entre outras, se caracteriza por uma homogeneização no tocante à cultura material, à estrutura social e à visão do mundo que contrasta com a prevalência de um multilingüismo, principal definidor da identidade étnica de cada grupo que a compõe. Isso se deve à operância de um processo aculturativo que, ao longo do tempo, difundiu entre as várias tribos um *corpus* de saber tornado comum a todas. Para tanto deve ter contribuído o contato intensivo, o casamento exogâmico e a constante permuta de bens, em que determinadas tribos se especializaram. (RIBEIRO, 1995, p. 63)

Assim como os ritos, a cerâmica também exerce influência nestes processos de identidades. Para o grupo, a memória se caracteriza sendo coletiva, onde estão inseridas as histórias, e referências de cada ceramista em sua produção. Não são simples objetos com memória: a memória de sua tradição e identidade está ali. Lévi-Strauss (1986) aponta que a ceramista “se metamorfoseia em seu produto; de fisicamente exterior se converte em moralmente integrada a este”. A cerâmica é mais carregada de memória do que de história, sendo um ofício tido como prazeroso para as ceramistas, e capaz de fazer surgir uma ligação íntima entre criadora/criatura.

Ao procurarmos compreender as questões de identidade neste ambiente, percebemos uma origem que se atrela ao passado histórico. Hall (2000) argumenta, de forma persuasiva, que isto ocorre

precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2000, p. 109)

Os aprendizados cerâmicos entre as Baniwa ocorrem no ambiente do grupo doméstico, a relação das mulheres com a cerâmica está sempre interligada à confecção da comida (ver figura 02). Silva (2000) lembra que “os homens costumam se posicionar totalmente alheios ao fabrico dos vasilhames, eles apenas se dispõem a realizar algumas das tarefas que envolvem a confecção dos mesmos”. Estas tarefas se resumem em abrir o caminho na

mata até os igarapés onde a argila será recolhida pelas mulheres, e o transporte desta matéria-prima até a comunidade. Ressalto que estes processos envolvem determinações impostas pela condição do gênero, seja o masculino ou o feminino. Ribeiro (1995) registra que

os Baniwa, exímios ceramistas, recebiam cuias e cabaças de seus vizinhos do alto Uaupés, os Wanâno, os quais, como os demais grupos da família linguística tukâno, também fazem cerâmica, porém menos esmerada que a baniwa. Não existe, ao que parece, palavra baniwa para cuia. Chama-se cuia mesmo. Em compensação, os Baniwa fazem a quase-totalidade do seu equipamento doméstico, de trabalho e de guerra, inclusive curare e sarabatana. (RIBEIRO, 1995, p. 66)



Figura 02: Subida do pote com acréscimo de argila, 2014.

Fonte: Os Baniwa, os artefatos e a cultura material no Alto Rio Negro. Tese de doutorado, OLIVEIRA (2015).

Com um campo simbólico vasto nas relações entre materialidade e sujeitos, a identidade Baniwa é constituída. Esta, por sua vez, assume uma configuração dinâmica que se constrói e se transforma nas fronteiras étnicas. Woodward (2000) entende que a “identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso em grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras”. Sendo estas diferenças destacadas nas relações sociais dos sujeitos, onde a prática cotidiana denuncia estes processos simbólicos imbricados no meio étnico. Garnelo (2003) destaca ser

perceptível a existência de uma lacuna entre os saberes das gerações mais velhas e dos mais jovens, particularmente os que não militam no movimento etnopolítico; nas aldeias existe um grande número de pessoas que desconhecem muitos aspectos básicos de sua cultura, não dispondo dos meios de reproduzi-las para as futuras gerações. No descompasso entre as ideias de valorização da antiga cultura e o desejo, frequentemente expresso pelos capitães, de 'progredir' e 'ir para frente' – termos tomados como sinônimo de abandono das evidências de diferenciação étnica e de adoção de pautas ocidentalizantes de comportamento -, a influência da escola é decisiva para incrementar o processo de desvalorização dos saberes próprios do mundo indígena. (GARNELO, 2003, p. 206)

Estas relações contextualizam o povo Baniwa em um cenário maior, um tecido social mais amplo que é a sociedade brasileira. Sendo espaço oportuno para muitas questões, como as de território, territorialidade, diversidade e identidade. Se essas fronteiras existem, as ideias de Barth (1988) são aplicáveis, quando se entende que estes contatos são inevitáveis e que as diferenças podem permanecer. Entretanto, o sentimento de pertencimento pode ganhar força nestas fronteiras, mesmo que alguns dos valores e técnicas sejam alterados.

A ideia de “melhoria” nas condições de vida na Amazônia é parte consenso das autoridades indígenas dentro do movimento representativo, gerando relações entre sujeitos e as estruturas sociais, que em sua maioria, são desiguais. Se irão obter sucesso nesta empreitada, apenas o futuro será capaz de dizer.

4. TECENDO CONSIDERAÇÕES

Dominar a arte cerâmica é uma das habilidades fundamentais para a sociabilização da mulher dentro da comunidade Baniwa, gerando um papel e funcionalidade para esta pessoa, sendo desempenhado a partir de uma evidente marcação de espaços de gêneros oriundos da formação no mito de criação dos Baniwa. Velthem (2009), escrevendo sobre os Waiana, povo de língua caribe, pondera que através do aprendizado técnico, iniciado na infância, amplia-se e aprofunda-se com a puberdade porque visa ao casamento e à geração de filhos, para que se adquiram na velhice refinamento e especialização.

Percebe-se que esta sua ideia é intimamente ligada ao conceito do darwinismo social, muito difundido na década de 1870, tendo como principal suporte a teoria do evolucionismo aplicada às ciências humanas. Cogitando que com o passar do tempo, haveria uma especialização e aprimoramento das indígenas no ofício cerâmico, por exemplo. Vale ressaltar que todas as formações sociais têm a percepção da possibilidade do seu desaparecimento, identificado como ordem ou caos, que podem impulsionar modos de recriação e renovação da sociedade.

A antropóloga Cunha (2009) nos lembra de que os conhecimentos tradicionais não são apenas um acervo a ser estudado, passível até mesmo de ser legitimado e validado pelo saber científico. Partindo do entender, de que as ciências tradicionais têm potencial para renovar os próprios paradigmas de nossas ciências, a partir do reconhecimento de que existem “muito mais regimes de conhecimento e cultura do que se supõe nossa vã imaginação metropolitana”. Este debate vai muito além da concepção da prática conservacionista que por muito tempo perdurou dentro da academia e seus cientistas.

Seria demais extenso abordar neste artigo as formas como está organizado sócio politicamente o povo Baniwa, assim como, suas práticas econômicas. Estas redes de relações interferem massivamente na produção das ceramistas que agora se inserem no mercado formal com a venda de peças nas cidades para turistas e comerciantes. O papel destas mulheres ceramistas se encontra em constante transformação.

Realizar o levantamento bibliográfico acerca da produção cerâmica entre as Baniwa demonstrou que há poucos trabalhos referentes à cultura material. De acordo com Lima (apud. Bertha Ribeiro Org. 1987), utilizar elementos da cultura material por muitos é considerada uma temática pouco nobre. Segundo a autora,

Em trabalhos mais recentes, vimos assistindo à retomada do interesse pela cultura material, agora não mais calcado nos antigos propósitos evolucionistas e difusionistas dos primórdios da Antropologia, mas sim no reconhecimento do objeto como a materialização do comportamento dos membros de uma determinada sociedade, comprometido com o entendimento das culturas na sua totalidade. (LIMA, 1987, p. 173).

Tal proposta não é tarefa fácil. Estar sensível para a compreensão do universo feminino, práticas e uso do território para a confecção cerâmica, demonstram como os papéis de gênero estão bem divididos e como se relacionam com o restante da sociedade indígena. Estas premissas apontam para a importância da cerâmica entre o povo Baniwa e a singularidade deste ofício através das análises, suprimindo a carência de pesquisas no âmbito antropológico, visto que há necessidade de levantamentos e organização de dados sobre esta cerâmica a partir de uma abordagem cultural, valorizando esta arte regional.

5. REFERÊNCIAS

BARCELOS NETO, Aristóteles. Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu. 2004. 309 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARTH, Frederic. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In.: POUTIGNAT, Philippe – Teorias da Etnicidade. Campinas: UNESP, 1988.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

GARNELO, Luiza. Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*, cap. 05. pág. 142-181. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis – RJ: Vozes, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T. T. (organizador). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAGROU, Els. 2007. A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro: TopBooks. 565 p.

LÉVI-STRAUSS, C. A Oleira Ciumenta. São Paulo. Brasiliense, 1986.

LIMA, Tânia Andrade. Cerâmica Indígena Brasileira, cap. 07. Pág. 173-229. _in: Suma Etnológica Brasileira 2. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.

OLIVEIRA, Thiago Lopes da Costa. Os Baniwa, os artefatos e a cultura material no Alto Rio Negro. Rio de Janeiro, 2015. 481 f. Orientador: Carlos

Fausto. Tese de doutorado – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2015.

RIBEIRO, Bertha G. Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo. São Paulo: Companhia das Letras. Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

RIBEIRO, Darcy. Cerâmica Indígena Brasileira, cap. 01. pág. 29-64. _in: Suma Etnológica Brasileira 2. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.

SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados: Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etno-arqueológica. São Paulo, 2000. 265 f. Orientadora: Lux Boelitz Vidal. Tese de doutorado – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2000.

SOARES, Artemis de Araújo. Corporeidade indígena sob o ângulo da praxiologia. Anais do XIV Seminário Internacional y Latinoamericano de Praxiología Motriz. 2011.

WILLEY, Gordon R.. Cerâmica, cap. 08. pág. 231- 281. _ in: Suma Etnológica Brasileira 2. 2 ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1987.

WRIGHT, Robin M. 2000. “Ialanawinai. O branco na história e mito Baniwa” In Albert, Bruce & Ramos, Alcida (orgs.). Pacificando os brancos: cosmologias de contato no Norte-Amazônico. São Paulo: UNESP – Imprensa Oficial do Estado. pp. 431-468.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. (organizador). Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

VELTHEM, Lucia H. Van. O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Assírio&Alvim; Museu Nacional de Etnologia, 2003. 446 p.

_____. 2009. “Mulheres de cera, argila e arumã: Princípios criativos e fabricação material entre os Wayana”. MANA 15(1):213-215.

VIDAL, Lux. Grafismo Indígena: Estudos de Antropologia Estética. 2 ed. São Paulo: Livros Studio Nobel, 2000.

XAVIER, Carlos Cesar Leal. 2013. Os Koripako Do Alto Içana: Etnografia de um grupo indígena evangélico. Tese de Doutorado. PPGAS/Museu Nacional/UFRJ.